

FENÔMENOS DE VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES PESSOAIS

José Lemos Monteiro

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apontar como sugestões para uma investigação mais ampla alguns fenômenos de variação lingüística existentes no uso dos pronomes pessoais no português culto do Brasil. Os dados utilizados, pertencentes ao acervo fitotecário do Projeto NURC, consistiram de sessenta inquéritos gravados, sendo quarenta e cinco diálogos entre um informante e o documentador (DID) e quinze elocuções formais (EF), distribuídos esses inquéritos equitativamente de acordo com a região, o sexo e a faixa etária: doze de cada uma das cidades envolvidas no Projeto (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife), trinta de cada sexo e vinte de cada faixa etária.

A simples audição das fitas e leitura das transcrições já possibilitou a percepção de uma série de fatos que parecem evidenciar certas mudanças no sistema pronominal, algumas em curso e outras já plenamente realizadas. Intuindo que determinadas perturbações estão ocorrendo em função de mudanças no próprio sistema, decidimos examinar todo o esquema de uso dos pronomes pessoais, quer como sujeitos, quer como complementos ou adjuntos.

Uma tarefa de tão amplas proporções não pode prescindir das conclusões a que chegaram os estudos feitos sobre aspectos particulares da estrutura pronominal do português. Embora tais pesquisas não tomem por base o *corpus* que ora utilizamos, registram em geral fatos que também identificamos. Assim, neste trabalho, faremos uma espécie de inventário dos principais fenômenos explicáveis por meio de regras variáveis que levem em consideração fatores lingüísticos

e sociais, sem contudo testá-los no momento. Numa outra etapa desta pesquisa, aplicando o Programa SWAVA, elaborado pelo Prof. Anthony J. Naro (1980), verificaremos em que medida os pronomes pessoais variam em função da região, idade, sexo e modalidade de elocução.

2. VARIAÇÃO DOS PRONOMES SUJEITOS

Há muitas questões, algumas das quais ainda não suficientemente esclarecidas, relacionadas à função de sujeito exercida por um pronome pessoal. Destacamos aqui quatro delas: a do emprego ou omissão do sujeito, a substituição de *nós* por *a gente*, o uso dos pessoais como indefinidos e a variação das formas de tratamento.

2.1. EMPREGO OU OMISSÃO DO SUJEITO

Um dos fenômenos que mais têm despertado ultimamente a imaginação e interesse dos estudiosos é a questão do sujeito nulo. Constata-se sem dificuldade que, ao contrário do inglês ou do francês, o português e o espanhol se caracterizam como línguas que admitem duas possibilidades quanto à ocorrência de sujeito pronominal: ou o pronome se faz presente no enunciado ou ele é simplesmente apagado.

Sem dúvida, trata-se aqui da aplicação de uma regra variável que opera em razão de uma série de fatores que não se resumem, como entende a totalidade dos gramáticos, (1) apenas à necessidade de clareza ou à ênfase, conceito este aliás bastante subjetivo. Que e quantos fatores lingüísticos determinam a omissão do sujeito é um problema que já parece haver obtido algumas indicações satisfatórias pelos estudos mais recentes.

Nesse sentido, Jorge G. Cantero (1986), com base em dados do espanhol culto da cidade do México, arrolou alguns itens que à primeira vista, com exceção talvez do terceiro, se aplicam também ao português. Em regra, segundo ele, o pronome pessoal aparece quando:

1. Até mesmo pesquisadores filiados a correntes da lingüística moderna às vezes enveredam pelo mesmo caminho. Quicoli (1976), por exemplo, seguindo o modelo gerativo-transformacional, estabelece que a regra de omissão do pronome sujeito se aplica em função dos traços (— enfático) e (+ redundante), sem portanto intuir nada de novo.

- a) é antecedente de um relativo;
- b) constitui elemento de um sujeito composto;
- c) funciona como sujeito de formas nominais do verbo;
- d) é antecedente de um aposto;
- e) contrasta com outro pronome pessoal;
- f) vem antes de um verbo elíptico;
- g) serve para eliminar uma ambigüidade.

Dito desse modo, pode parecer que em todos os demais casos o sujeito pronominal é sempre nulo, o que realmente está longe de ser verdade. A regra de omissão do pronome sujeito resulta da interferência de múltiplos fatores e, para sua melhor compreensão, há necessidade da aplicação de modelos estatísticos que calculem o percentual de participação de cada um deles.

Algumas investigações já foram realizadas com êxito: para o espanhol falado na Venezuela, a de Bentivoglio (1980); para o português do Brasil, a de Solange Lira (1982) e a de Vera Paredes da Silva (1988).

Os fatores identificados não divergem muito do espanhol para o português. De acordo com Bentivoglio, são os seguintes: a) mudança de referência; b) ambigüidade; c) troca de turno; d) ênfase (contraste e reforço); e) tipo de verbo (de percepção, de volição, de cognição); f) número gramatical. Segundo Vera Paredes da Silva, são: a) conexão do discurso; b) ênfase; c) ambigüidade; d) tipo sintático da oração; e) distância do referente; f) posição da oração; g) número gramatical; h) caráter animado do referente (apenas para a terceira pessoa).

É claro que vários outros fatores podem ser intuídos. Pensamos, por exemplo, que para a língua falada as repetições e as auto-correções devem favorecer a presença do pronome sujeito. É o que percebemos nos exemplos abaixo:

- (1) *nós* comumente *nós* fazemos um rancho porque a família é grande e *nós* fazemos um rancho. (44. POA.F.DID.II) (2)
- (2) *ele*, não, *eles*... só *eles* sabem perfeitamente como nós sabemos como o estudante sabe, entende? (256. RE.M.DID.I)

2. Para efeito de indicação das fontes das citações, obedecemos à seguinte ordem: número do inquérito (em algarismos arábicos), sigla da cidade (RJ, SP, Re, POA e SSA), sexo (F e M), tipo de elocução (DID e EF) e faixa etária (I, II e III).

- (3) *eles vêm... eles vão* tratar dessa questão. (131. RE.M.DID.II)
- (4) isso *a gente... nós* já explicamos em classe. (337. RE.F.EF.II)
- (5) *Se ele adoece*, eu chamo bem a atenção de vocês sobre isso, *se ele adoece*, isso pode ocorrer por dois mecanismos. (46.SSA.F.EF.I)

O que, porém, mais nos interessa é examinar até ponto as diferenças diatópicas e as influências devidas ao sexo, à faixa etária e à modalidade de discurso agem como variáveis extralingüísticas. Esta será, conforme já dissemos, a segunda etapa da pesquisa que ora realizamos.

2.2. SUBSTITUIÇÃO DE NÓS POR A GENTE

Afirmamos na introdução que o sistema dos pronomes pessoais tem sofrido várias mudanças, algumas já consumadas e outras ainda em curso. Entre as primeiras, um exemplo que se pode apontar é o da substituição do pronome *vós* por *ocê(s)*. Entre as mudanças em curso, lembraremos agora o emprego de *a gente* em vez de *nós*.

Os trabalhos já levados a termo sobre o assunto necessitam talvez uma ampliação do *corpus*. Assim, a amostra utilizada por Albán *et al.* (1986) é, a nosso ver, bastante reduzida (ao todo cinco inquéritos do *corpus* compartilhado do Projeto NURC, ou seja, um inquérito de cada cidade), o que inviabiliza qualquer conclusão a respeito da influência das variáveis sociais. Nessa pesquisa não se encontrou qualquer indício de que o grau de formalidade do discurso possa interferir na seleção de *nós* ou *a gente*. Ora, o fato é que certos inquéritos classificados como *elocução formal* (EF) pouco apresentam de formalidade ou tensão: algumas conferências ou aulas são bem descontraídas, com bastante diálogo entre o professor (informante) e os alunos. E, por outro lado, os diálogos entre um informante e o documentador não constituem conversações tipicamente espontâneas, mas dirigidas pelo entrevistador, o que não deixa de reduzir o nível de informalidade do discurso. Qualquer conclusão a esse respeito, inferida a partir dos dados do *corpus* compartilhado do Projeto NURC, deve ser vista pois com alguma reserva. As demais variáveis, entretanto, podem fornecer bons indícios de variação.

Assim, em outro estudo, Freitas e Albán (1986) examinaram as tendências de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na cidade de Salvador e constataram a influência decisiva da faixa etária, uma vez

que os informantes mais jovens preferencialmente selecionam *a gente* (79%), ao contrário dos mais idosos, que optam mais pelo pronome *nós* (65%).

Quanto ao plano diatópico, Freitas *et al.* (1986) chegaram a resultados que sugerem alguma diversidade de emprego: em Porto Alegre existe a preferência pela expressão *a gente*, ao contrário do que ocorre nas outras quatro capitais do Projeto NURC, embora em todas o pronome *nós* não seja de uso exclusivo. No conjunto, a incidência de *nós* é ainda um pouco maior do que a de *a gente* (56% contra 44%).

Os estudos sobre o assunto não se restringem ao âmbito da norma urbana culta. Fernandes & Gosky (1986), por exemplo, realizaram uma pesquisa em que foram entrevistados 64 informantes do Rio de Janeiro, todos de nível sócio-econômico baixo e de pouca escolaridade. Constatando que o pronome *nós* está sendo substituído por *a gente* em todas as faixas etárias, a investigação apontou como fatores lingüísticos para a interpretação da regra variável o grau de saliência fônica, o tempo verbal e a saliência posicional. Uma conclusão relevante, que evidentemente não se aplica à norma culta, foi a de que o processo de mudança vem agindo no sentido de desfazer a ambigüidade entre as formas do presente e do pretérito perfeito, quando o sujeito é o pronome *nós* ou *a gente*, estabelecendo-se a oposição desinencial \emptyset (presente do indicativo: *nós* / *a gente* fala) e *-mos* pretérito perfeito: *nós/a gente* falamos).

2.3. USO DOS PESSOAIS COMO INDEFINIDOS

A expressão *a gente* não se difundiu apenas como um substituto do pronome *nós* e, por isso, é necessário muita cautela ao se pretender traçar a esse respeito alguma tendência de mudança. Na realidade, o emprego de *a gente* pode também ser devido a um intuito de indeterminação do sujeito e, no caso, as opções não se limitam a apenas duas, desde que outros recursos estão sendo cada vez mais freqüentes.

Aliás, foi talvez um desejo de ocultação do *eu* (efeito ou indicio de uma era de massificação?) que levou os falantes do português do Brasil a utilizar estratégias que mudam o caráter preciso e definido do sujeito pronominal de primeira pessoa (*eu* ou *nós*) para um sentido geral ou indefinido, que já se estende a todas as pessoas gramaticais. E este constitui um dos principais valores da expressão *a gente*, classificada até por alguns estudiosos, não como pronome pessoal, mas como indefinido. É esta a opinião de Said Ali (1976a:151) ao tentar apreender tal aspecto, dizendo que *a gente*

ultrapassa o vago e limitado sentido de *alguém*, sem chegar todavia ao significado generalizante da expressão *todo o mundo*.

Em face disso, propomos que as pesquisas sobre o assunto, ao invés de tratar os dados na base de uma polarização *nós x a gente*, verifiquem outras possibilidades de variação. Seria o caso de inventariar as situações em que, no lugar de um desses pronomes, ocorre o emprego de *se*, de *você*, de \emptyset ou de outros recursos de indeterminação. Assim pensamos com apoio em freqüentes enunciados em que tanto *a gente* como *nós* aparecem nivelados a *se* ou a *você*, portanto com o mesmo valor e distribuição. É o que se evidencia nos seguintes exemplos:

- (6) *nós* tínhamos a toracoplastia, *nós* tínhamos o pneumotórax, hoje em dia *se* procura tratar o doente com essas medicações. (46.SSA.F.EF.I)
- (7) agora, é engraçado que *você*, saindo do Brasil, *a gente* sente uma falta muito grande dessa parte de verduras. (328.RJ.F.DID.II)
- (8) Se *a gente* vê os retratos de antigamente, se *a gente* vê... *você* lê Machado de Assis, *você* sente que o Rio de Janeiro não podia ter sido tão quente. (233.RJ.M.DID.II)
- (9) enquanto *você* viu as paredes subirem, então *você* sente que aquilo está correndo mas quando *se* começa o trabalho de emassar, de dar um acabamento, de colocar janelas, então *você* tem a impressão que isso nunca mais vai acabar, *a gente* olha para o chão... (04.RE.M.DID.I)

Por vezes, até o *nós* de sentido bem determinado (plural associativo) ou mesmo o pronome *eu* se deixam alternar com expressões de caráter indefinido:

- (10) *nós* compramos na COBAN, comumente, e aos sábados também *se* (3) faz aquelas compras pequenas. (44.POA.F.DID.II)
- (11) *eu* não sou tão velho assim... mas *a gente* sente... (233.RJ.M.DID.II)

A questão se torna mais complexa e atraente quando se percebe que todos os pronomes pessoais acabam por nivelar-se, adotando esse valor de indefinido. Observemos mais as seguintes citações:

3. Entendemos que o *se*, nestas circunstâncias, é índice indeterminação do sujeito.

- (12) se *eu* não tenho aluno que me permita formar uma turma, *eu* não posso pagar a todos (164.RJ.M.DID.I)
- (13) é um exame oral, onde *você* diz o que que é um apito (277.SSA.M.DID.I)
- (14) na França, *eles* criaram um mecanismo de proteção (20.SSA.M.EF.III)
- (15) além do teatro e do cinema, *nós* temos também os auditórios das rádios (12.RJ.M.DID.I)

Não temos idéia clara de que fatores devam estar atuando na seleção dos pronomes pessoais, quando se deseja indeterminar o sujeito. Supomos que os mais decisivos sejam de ordem pragmática, mas só uma investigação específica para o caso poderia analisar esses aspectos do problema. (4) Aqui, por conseguinte, apenas sugerimos mais um campo fértil para estudos posteriores.

2.4. VARIAÇÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO

São inúmeros os trabalhos nesse campo, em geral repetindo as mesmas conclusões. Apesar disso, a flutuação das formas de tratamento continua a ser objeto de monografias e teses, a maioria seguindo a linha das idéias de Brown & Gilman (1960). Anteriormente, o interesse esteve voltado precipuamente para os aspectos diacrônicos e aí podemos citar, entre outros, os estudos de Marilina Luz (1956, 1957, 1958/59), de Said Ali (1937, 1976b) ou de Lindley Cintra (1967). Agora, porém, o enfoque maior é nas variáveis sociais que determinam o uso dos pronomes tratamentais nas relações simétricas e assimétricas. Contam-se aí, entre muitos, os trabalhos de Biderman (1972/73), de Brian Head (1976), de S. Elias (1976), de Oliveira e Silva (1974), de Elias Soares (1980) e de E. Wilhelm (1979).

A constatação óbvia é a de que, no português do Brasil, o sistema é binário: na maioria das regiões estabelece-se uma oposição entre *você* e *o senhor*, dependendo a escolha do grau de formalidade ou intimidade, das condições econômicas, da idade e assim por dian-

4. Michel de Fornel (1986) demonstrou que a permuta dos pronomes pessoais (por exemplo, *je* por *nous* ou vice-versa) se deve a fatores pragmáticos e pode ser explicada a partir das máximas conversacionais propostas por Grice. Imaginamos que, para o português oral do Brasil, também a permuta constante dos pronomes e a mistura de tratamentos devem ser de algum modo condicionadas pelos princípios que regem a conversação.

te. O pronome *tu* é de emprego restrito a certas situações (por exemplo, como traço de familiaridade), mas é ainda geral no Rio Grande do Sul.

Um fato interessante é que, mesmo na norma culta, costuma-se usar o pronome *tu* com o verbo na terceira pessoa:

(16) então, fazem cinco, dez minutos de propaganda e volta o programa; quer dizer, no fim *tu te enche*. (121.POA.F.DID.I)

(17) *tu fez* alguma pergunta, André? (278.POA.F.EF.II)

Dá para se pensar que a grande aceitação do pronome *você* em quase todo o Brasil em parte seja uma estratégia em que se tenta evitar as dificuldades da flexão verbal portuguesa, ora em fase de simplificação. (5) Mas, por outro lado também, a polarização do sistema em torno de apenas duas expressões de tratamento pronominal sugere uma diferença entre a sociedade brasileira e a portuguesa, esta um pouco mais hierarquizada ou conservadora, por admitir um sistema ternário de oposição: *tu, você e o senhor*.

3. VARIAÇÃO DOS PRONOMES COMPLEMENTOS

Dois pontos principais devem merecer aqui a nossa atenção, por distanciarem bastante o português do Brasil do de Portugal. O primeiro diz respeito à sínclise pronominal; o segundo, às formas de realização do objeto direto anafórico.

3.1. SÍNCLISE PRONOMINAL

É nítida entre nós uma tendência para o emprego proclítico dos pronomes átonos, colocação que se justifica muito mais em função de fatores fonético-prosódicos do que, como já se ensinou, em decorrência de uma atração semântica que certas palavras exerceriam sobre outras. Apesar disso, uma grande quantidade de trabalhos ainda divulga as idéias de Cândido de Figueiredo (1944) ou Carlos Góis (1951), que procuram defender essa teoria da atração.

Por outro lado, a par dos fatores de ordem fonética, queremos

5. Lemos em Wilhelm (1979:173): "é possível atribuir o retrocesso do emprego de *tu* a uma consciente ou não consciente simplificação do sistema verbal do português do Brasil."

crer que o sexo, a faixa etária e o tipo de elocução, além de uma possível diversificação de caráter diatópico, são variáveis que condicionam a posição dos clíticos, pois não parece ingênuo a hipótese de que a ênclise acarreta uma noção de prestígio e constitui um fenômeno de conservação, ao contrário da próclise que marca uma tendência de mudança.

3.2. FORMAS DE REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFORICO

Quatro são as principais formas de realização do objeto direto anafórico na norma urbana culta do Brasil:

a) pronome oblíquo átono (proclítico ou enclítico)

(18) como eu ando pouco de ônibus, eu os acho muito interessantes (191.RE.F.DID.III)

(19) um professor deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la (278.POA.M.EF.II)

b) pronome tônico

(20) ah, eu deixo *ele* (o carro) num lugar proibido mesmo, seja o que for; se tiver muita pressa, eu largo *ele* num lugar proibido mesmo, seja lá o que for (224.SP.M.DID.II)

c) repetição do termo antecedente

(21) eu não preciso muitos questionamentos para poder analisar essa realidade e perceber *essa realidade* (339.RE.F.EF.I)

d) apagamento do objeto

(22) o fundo da piscina deu defeito e tiveram que esvaziar \emptyset (84.RJ.F.DID.I)

Esta última possibilidade se relaciona com o princípio das categorias vazias formulado por Chomsky (1981) e tem sido considerada um dos idiotismos do português do Brasil face ao português de Portugal e às línguas não rotuladas como PRO DROP. Por conta disso, o problema já foi analisado por inúmeros pesquisadores, entre

os quais se encontram Nelize Omena (1978), Edwin Williams (1938), Eugênia Duarte (1986), Charlotte Galves (1984 e 1988), Reny Guindaste (1988), Graças Pereira (1981) e Laila Vanetti (1988). A interpretação básica é a de que o objeto nulo representa um dos recursos de evasão ao emprego dos pronomes clíticos, em franco desuso no português do Brasil. Resta, porém, verificar em que proporções o fenômeno ocorre na norma culta, face às demais possibilidades de atualização do objeto direto anafórico.

4. VARIAÇÃO DOS PRONOMES ADJUNTOS

Os pronomes pessoais adjuntos são em geral classificados pelos gramáticos como possessivos. Na realidade, conforme já argumentamos em outra ocasião (Monteiro, 1976:78), os possessivos nada mais são do que as formas adjetivas dos pronomes pessoais, estes sempre substantivos.

Entre os fatos que, nesse aspecto, são constantes na amostra do Projeto NURC, registramos os seguintes: a introdução de formas genitivas no sistema, a oscilação entre presença e ausência do artigo, a dupla possibilidade na colocação dos possessivos e, finalmente, o valor indefinido que estes costumam assumir.

4.1. INTRODUÇÃO DE FORMAS GENITIVAS

Para desfazer ambigüidades decorrentes do emprego variável de *seu* (que tanto pode referir-se à segunda como também à terceira pessoa), já fazem parte do sistema dos pronomes possessivos as formas *dele(s)* e *dela(s)*, freqüentes em enunciados como os seguintes:

(23) quando o funcionário entra, você assina a carteira *dele* (164.HJ.M.DID.I)

(24) as moças arranjam os problemas *delas* lá fora e voltam pra casa (373.RJ.F.DID.II)

Por outro lado, ameaçam entrar no esquema dos possessivos certos pronomes pessoais precedidos da preposição *de*, especialmente *você(s)* e *a gente*, em consequência das mudanças que se operam no quadro dos pronomes sujeitos. Eis um exemplo:

(25) Jota Silvestre acho fabuloso, acho que ele prende a atenção *da gente* (121.POA.F.DID.I)

4.2. ARTIGO ANTES DOS POSSESSIVOS

Não parece haver dúvidas de que a presença ou omissão do artigo antes dos pessoais é determinada em grande parte por efeitos de ordem semântica. Tal é a opinião de H. Meier (1973), que distingue o possessivo *qualificador* (sem o artigo) do possessivo *identificador* (com o artigo). Mas, além disso, existem diferenças devidas à afetividade: é fato que a presença do artigo, pelo menos se o possessivo vem antes de um antropônimo, é índice de familiaridade ou intimidade. Por outro lado, algumas pesquisas, como a de Oliveira e Silva (1982), sugerem que a presença do artigo antes dos possessivos constitui um fenômeno de variação devida também a fatores sociais, entre os quais, o sexo, a faixa etária e o grau de formalidade.

4.3. COLOCAÇÃO DOS POSSESSIVOS

Borges Neto (1986) formulou a hipótese de que a posição dos possessivos em relação aos substantivos se vincula a uma utilização referencial ou atributiva do sintagma nominal. Se alguém diz a frase *Espero a tua carta*, existe a pressuposição de que há uma carta para vir e o falante sabe disto. Se, porém, o possessivo é proferido após o substantivo (*Espero carta tua*), isto indica que ainda não há, ou o falante ignora que haja, uma determinada carta para chegar. Conquanto bem engendrada essa hipótese, supomos que não se aplica a todos os enunciados: alguns exemplos do *corpus* compartilhado do Projeto NURC, como os que citamos a seguir, necessitam de uma reflexão mais demorada:

- (26) o *desenvolvimento nosso* deveria ter sido baseado em via férrea (277.SSA.M.DID.I)
- (27) me lembrei agora do *nosso rio* Capibaribe; o rio Capibaribe é como um *irmão meu* /.../ eu gostaria que esse *meu irmão* tivesse desenvolvido um pouco mais (265.RE.F.DID.II)
- (28) ela passava sempre em toda *casa nossa*. (156.RE.F.DID.II)

VALOR INDEFINIDO DOS POSSESSIVOS

Trata-se de uma tendência já identificada em relação aos pronomes oblíquos, bem como aos possessivos. A ela se associa a ruptura da uniformidade de tratamento, ou seja a articulação de um pronome de segunda com um de terceira pessoa. De todo modo, sejam

que fatores estejam agindo nesse sentido, o certo é que se torna cada vez mais freqüente o emprego dos possessivos com valor de indefinido. É o que se constata em:

- (29) Então você tem que descer, tirar o *seu* carro (84. RJ.F.DID.I)
- (30) Se você vai fazer uma obra na *sua* casa, /.../ você já está incorrendo como empregadora (164.RJ.M.DID.I)
- (31) eu posso classificar os alunos, mas estabeleço taxionomia quando *a minha* classificação se apresenta com características sistematizadas (278.POA.F.EF.II)

5. CONCLUSÃO

Diante dos fatos que apontamos e de vários outros que deixamos de comentar aqui por questão de brevidade (por exemplo, a perda dos clíticos em verbos essencialmente pronominais, o dativo ético, os fenômenos de topicalização etc.), parece-nos incontestável que o sistema dos pronomes pessoais no português do Brasil passa por um conjunto de mudanças que se manifestam de forma diversificada em função de múltiplos condicionamentos. Por intuirmos que essas mudanças devem estar correlacionadas entre si, atuando no sistema como um todo, em vez de detectar isoladamente apenas um fenômeno, pretendemos numa outra fase desta pesquisa estabelecer uma configuração geral que permita dar uma idéia das diversidades de uso dos pronomes pessoais nas cinco capitais brasileiras que integram o Projeto NURC. Se a tarefa é ambiciosa, cumpre ter em mente que muito já se investigou nesse sentido e já é hora de se tentar uma sistematização com base nos resultados obtidos, testando preferencialmente as variáveis ou aspectos que ainda não foram objeto de investigação.

REFERÊNCIAS

- ALBÁN, Maria del Rosário *et al.* NÓS e A GENTE: uma sondagem na norma culta brasileira. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, p. 147-56, 1986.
- ALI, M. Said. De EU e TU a MAJESTADE: tratamentos de familiaridade e reverência. *Revista de Cultura*, 11 (22): 137-51, 1937.

- . Pessoas indeterminadas. In: — *Investigações filológicas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Grifo, p. 147-54, 1976.
- . Alterações fonéticas de SENHOR, SENHORA. In: — *Investigações filológicas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Grifo, p. 169-72, 1976.
- BENTIVOGLIO, Paola Adriani de *Why 'canto' and not 'yo canto'?* The problem of first-person subject Pronoun in Spoken Venezuelan Spanish. Los Angeles, Universidade da Califórnia, 1980, 72 f. (M. of A.).
- BIDERMAN, M. T. Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*. Marília, 18(19):339-82, 1972/73.
- BORGES Neto, José. Os possessivos como indicadores de referência e atribuição. *Revista DELTA*. São Paulo, 2 (1): 145-9, 1985/86.
- BROWN, Roger & GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. *et al.* *Style in language*. Cambridge, The M.I.T. Press, p. 253-76, 1960.
- CANTERO, Jorge Gustavo. Tipos de expresion necesaria de los pronombres personales-sujeto. *Actas del V Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (ALFAL)* Caracas, Universidade Central da Venezuela, p. 243-8, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding* Dordrecht, Foris, 1981.
- CINTRA, L. F. Lindley. Origem do sistema de formas de tratamento do português atual. *Brotéria*, 84:49-70, 1967.
- . (1972). *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa, Livros Horizontes, 1972. 138 p.
- DUARTE, M. Eugênia Lamoglia. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. São Paulo, PUC, 1984, 73 f. (Diss. de Mestrado).
- ELIAS, M. Sílvia Barbosa. *Considerações sociolingüísticas sobre o emprego dos pronomes de tratamento em português*. Campinas, PUCCAMP, 1976. 83 f. (Diss. de Mestrado).
- FERNANDES, Eulália & GOSKY, Edair. A concordância verbal com os sujeitos NÓS e A GENTE: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, p. 175-83, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido. *O problema da colocação de pronomes*. Lisboa, Livr. Clássica. 1986. 407 p.
- FORNEL, Michel de. Socio-pragmatique des pronoms personnels et inférence conversationnelle. *Études de linguistique appliquée*. Paris, 63:23-39, 1986.

- FREITAS, Judith & ALBÁN, M. del Rosário. EU, VOCÊ *et alia* em três diálogos. *Ciência e cultura*, 33(6):855-8, 1981.
- . NÓS ou A GENTE? *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, Universidade Federal, 5:179-94, 1986.
- GALVES, Charlotte. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. *Cadernos de estudos lingüísticos*. 7:107 - 36, 1984.
- . Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do português brasileiro. *Revista DELTA*. São Paulo, 4(2):273-90, 1988.
- GÓIS, Carlos. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos (sínclise). In: — *Sintaxe de construção*. 5. ed. Rio de Janeiro, Edição e Propriedade do Autor, 89-172, 1951.
- GUINDASTE, Reny M. Gregolin. *A categoria vazia na posição de objeto em português, em abordagem gerativa representacional*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1988. 123 f. (Diss. de Mestrado).
- HEAD, Brian F. Social factors in the use of Pronouns for the addressee in Brazilian Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELDT, J. *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam, North-Holland Publishing Company, p. 289-348, 1976.
- HUANG, C.T J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, 15(4):531-74, 1984.
- LIRA, Solange de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1982. (Tese de Doutorado).
- LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento no português arcaico; subsídios para o seu estudo. *Revista portuguesa de filologia*. Coimbra, Faculdade de Letras, 7 (1/2):251-363; 8 (1/2):187-252; 9 (1/2):55-157, 1956/57/58/59.
- MEIER, Harri. Sobre o emprego do artigo com pronome possessivo em português. *Littera*. Rio de Janeiro, Grifo, 3 (7): 5-14, 1973.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, Edições UFC, 1986. 220. p.
- NARO, Anthony J. & VOTRE, Sebastião Josué. *SWAVA: Sistema SWAMINC/VARBRUL; manual do usuário*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1980. 20 f. (mimeo).
- OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Rio de Janeiro, PUC, 1978. 138 f. (Diss. de Mestrado).
- PEREIRA, M. das Graças D. *A variação da colocação dos pronomes átonos no português do Brasil*. Rio de Janeiro, PUC, 1981. 278 f. (Diss. de Mestrado).

- QUICOLI, Carlos A. Missing Subjects in Portuguese. In: LUJÁN, M. & HENSEY, F. (eds.). *Current Studies in Romance Linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1976.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e. (1974). *Aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1974. 237 f. (Diss. de Mestrado).
- . *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1982. 444 f. (Tese de Doutorado).
- SILVA, Vera Lúcia Paredes P. da. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1988. 320 f. (Tese de Doutorado).
- SOARES, M. Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas; uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Rio de Janeiro, PUC, 1980. 157 f. (Diss. de Mestrado).
- VANETTI, Laila M. Khouri. *O 'tópico' e o objeto nulo no português do Brasil*. Campinas, UNICAMP, 1988. 115 f. (Diss. de Mestrado).
- WILHELM, Eberhard Axel. *Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979. 205 p.
- WILLIAMS, Edwin B. Omission of Object Pronoun in Portuguese. *Language*, 14:205, 1938.